

O
menino-botão



O menino-botão



Amy Le Feuvre



São Paulo, SP

Copyright © 1896, Amy Le Feuvre

Título do original: Teddy's button

Todos os direitos desta edição reservados para

EDITORA GADEL

Avenida Paulista, n. 1471, sala 1110

São Paulo, SP, — CEP 01.311-927

www.editoragadel.com.br

1ª edição, 2023

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Edição e tradução: *Paula Jacobini*

Revisão de texto: *Cesare Turazzi*

Capa e diagramação: *Marcos Jundurian*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L433m Le Feuvre, Amy.

O menino-botão. / Amy Le Feuvre; tradução Paula Jacobini.
– São Paulo: Editora Gadel, 2023.

168 p.: il., 21 cm

Tradução de: Teddy's button

ISBN 978-65-981342-2-8

1. Literatura infantojuvenil – Aspectos religiosos – Cristianismo. I. Le Feuvre, Amy. II. Jacobini, Paula, *tradutora*. III. Título.

CDD: 028.5

Bibliotecário Responsável: Eliezer Lírio dos Santos - CRB 8/6779








Sumário



1. Uma antagonista	7
2. Cabo de guerra.....	21
3. Um sargento recrutador.....	39
4. Alistando-se para a vida	53
5. Primeiras vitórias.....	71
6. Os Casacas-vermelhas.....	87
7. Erguido e abatido.....	107
8. No campo de trevo	121
9. Perdido	137
10. Encontrado	155







Capítulo
1

Uma antagonista

Ele estava em pé, no centro de uma pequena multidão de meninos da aldeia. Sua cabeça dourada estava descoberta sob o sol escaldante, mas os cachos pareciam espessos o suficiente para protegê-lo dos raios solares, e ele estava absorto demais em sua ocupação para prestar atenção a qualquer desconforto causado pelo calor.

Um garotinho esbelto e frágil, com um rosto bem delineado e olhos azuis que, por sua vez, brilhavam de animação e depois se acomodavam em uma melancolia sonhadora, com um olhar profundo e distante.

Seus olhos estavam dançando e vibrando de empolgação agora, e todo o corpo do garoto tremia de entusiasmo. Com a cabeça jogada para trás, e língua, mãos e pés em movimento, ele parecia deixar seu público

completamente fascinado, e eles ouviam seu discurso com olhos e bocas abertos.

Com uma das mãos ele manuseava um grande botão de latão, que figurava de modo bem visível o centro de seu pequeno colete, e esse botão era o tema de seu discurso.

— Meu pai, ele correu para frente, gritando: “Vamos, homens! Vamos salvar nosso estandarte!”¹ ao que eles gritaram: “Viva!” em resposta.

“Havia armas sendo disparadas, granadas voando, espadas reluzindo e cortando, e o inimigo avançava com o rosto vermelho de fogo e dentes rangendo! Meu pai desembainhou a espada – e ninguém poderia enfrentá-lo, ninguém! Ele cortou e golpeou, e cabeças, braços e pernas rolaram tão rápido quanto um raio, um após o outro. Ele se lançou para o estandarte e, com um grito, enfiou a espada no corpo do inimigo que o havia roubado!

O inimigo caiu morto.

Meu pai pegou o estandarte e olhou em volta.

Ele estava sozinho!

1 No original, “The Colours”, uma referência às cores do estandarte do exército britânico. A captura do estandarte pelo inimigo representava grande desonra.

Os outros soldados haviam sido rechaçados.

Mas ele estava em pânico?

Não. Ele deu um alto ‘Viva!’, pegou sua espada e lutou para voltar, com o inimigo atrás dele.

Foi uma corrida pela vida, e ele correu todo o caminho de costas; ele não iria retroceder para o inimigo. Ele continuou, gritando ‘Viva!’, até que chegou ao lado amigo novamente e então dirigiu-se ao seu coronel. ‘Capitão morto, senhor, eu tenho o estandarte!’. Ele fez uma saudação ao dizê-lo, e depois caiu morto aos pés do coronel – sangue jorrava de seu coração, de suas roupas e deste botão!”

O pequeno orador fez uma pausa enquanto reduzia a voz a um sussurro trágico, e, depois, levantando-a novamente, acrescentou de forma triunfante:

— E trinta balas e seis espadas atravessaram o corpo do meu pai!

“Esse sim foi um soldado!”

— Ah, claro! — Murmurou uma pequena cética da multidão. — Foram vinte balas da última vez; diga logo cinquenta, Teddy!

— E essa é a história do meu botão — prosseguiu o menino, ignorando com desprezo a última observação.

— E seu pai tinha só um botão no casaco?

A voz era estranha, e os meninos se viraram para encontrar o olhar curioso de uma donzela robusta que, sem ser notada, juntara-se ao grupo.

Ela não estava vestida como uma criança comum da aldeia, mas com um pequeno terno de sarja de marinheiro, com um grande chapéu combinando, bem preso atrás, sobre um bom volume de cabelo escuro e solto. Era uma pequena figura quadrada, de bochechas rosadas. Seus olhos castanhos, franjados por longos cílios pretos, olhavam diretamente para Teddy com algo de desafio e desprezo em seu olhar.

Embora a princípio um pouco surpreso, Teddy se mostrou à altura da situação.

— Um botão! — Ele enfatizou. — O casaco foi enviado para a mamãe com apenas um botão sobrando. E se você — aqui ele se voltou para sua questionadora com um pouco de ferocidade —, se você tivesse passado por uma batalha tão sangrenta e matado tantos homens, você teria explodido e perdido todos os seus botões, e não sobraria um, como aconteceu com papai!

Houve uma salva de palmas diante disso, mas a pequena donzela permaneceu audaz.

— É uma história verdadeira a que você contou?
— Ela exigiu, com severidade em seu tom.

— Claro que é verdade! — Foi o brado indignado de todos.

— Então eu lhe digo, garoto: não acredito em uma palavra disso! — E, com lábios firmes e determinados, ela girou nos calcanhares e foi embora, tendo plantado sementes de raiva e ressentimento em mais de um peito infantil.

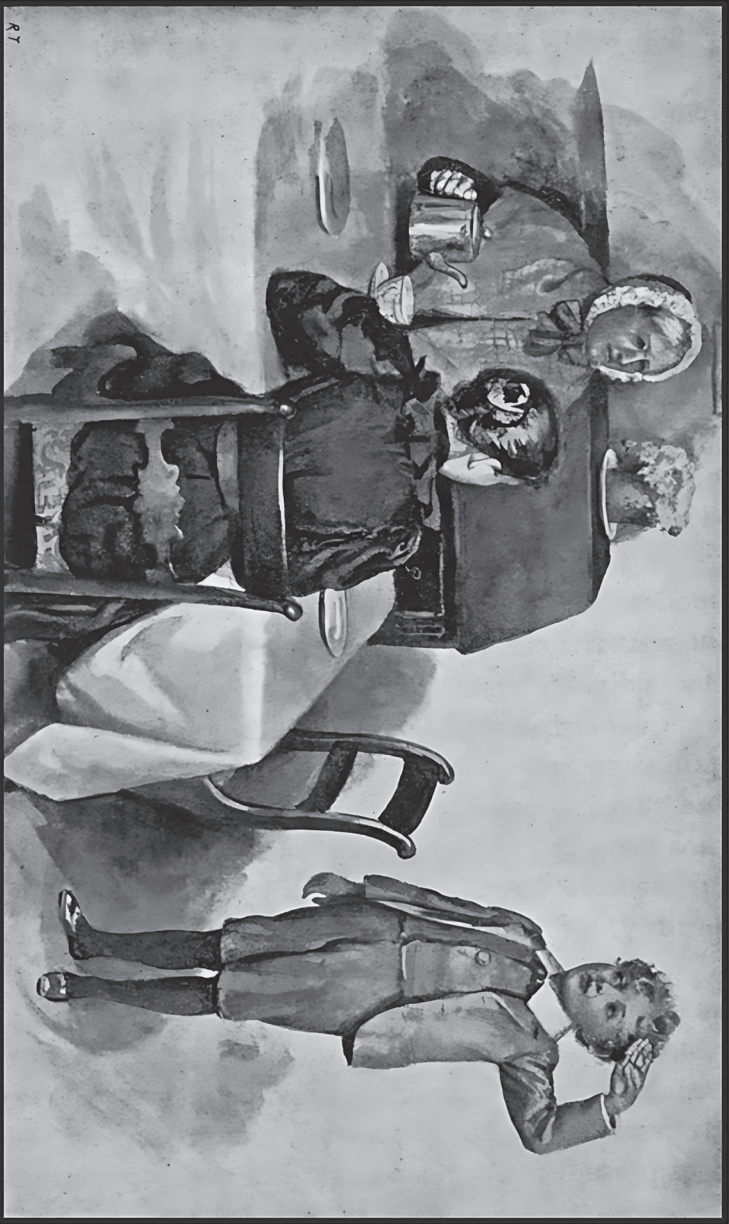
— Quem é ela? — Perguntou Teddy, enquanto, cansado e exausto pelo relato, jogava-se na grama para descansar.

Um dos meninos maiores lhe respondeu.

— Eu a vi vindo ontem de cabriolé, da cidade até a casa do velho Sol, na estrada – ela e a mãe, eu acho. Elas tinham duas bolsas de viagem, uma caixa e um papagaio numa gaiola. Eu mesmo os contei, pois estava dando uma volta logo atrás. A mulher chamava Sol de “pai”, então a menina deve ser sua neta!

— Talvez elas tenham vindo do circo² — sugeri um molequinho, dando cambalhotas. — Você sabe... Os esquisitos sempre vêm do outro lado do mar.

2 N.T. No original, “Mericky”, possivelmente em referência a Joseph Merrick, um homem inglês que era exibido como atração no circo dos horrores, por causa de suas malformações genéticas, que lhe conferiam aparência disforme.



— Ela não acreditou em mim — murmurou Teddy, mastigando pensativamente um pedaço de grama.

— Garotas não prestam, nunca! Se ela fosse um menino, você teria lutado com ela, mas eu não me importaria com uma menina insignificante como ela, Ted — disse Sam.

Teddy virou o rosto para o menino.

— Não, eu não poderia ter lutado com ela, Sam, mesmo se ela fosse um menino. Prometi à minha mãe que não voltarei a lutar até que ela me dê permissão. Veja bem, da última vez, lutei com quatro garotos em uma semana e ela disse que não aceitaria isso. Não vejo por quê seja certo que os soldados lutem, mas não é certo que os meninos lutem!

— Acho que não sobrou nenhum camarada com quem lutar, então você está fora de perigo. Além disso, foi apenas Tom Larken quem os incitou a tentar pegar o seu botão, e agora ele foi para outra parte do país.

— Eu acho, talvez — continuou Teddy lentamente, enquanto virava-se de costas e olhava para o céu azul-claro acima dele — que não estava sendo exatamente verdadeiro sobre as balas. Acho que foram seis balas e três cortes de espada. Esqueço quando conto

quantos eram. Mas ela disse que não acreditava em nenhuma palavra!



Cinco horas marcaram o relógio da velha igreja ali perto. Teddy ficou de pé num instante e, com um brado e um grito selvagens, correu pelo gramado, seus cachos voando ao vento e seus pezinhos mal parecendo tocar o chão. Não havia ninguém na aldeia tão rápido quanto Teddy, e na categoria feitos ousados e coragem absoluta ele ocupava o primeiro lugar. Talvez isso explicasse a sua popularidade – talvez fosse a sua maravilhosa aptidão para contar histórias, muitas delas produções bárbaras do seu cérebro fértil –, mas era certo que ele era o queridinho da aldeia, e ninguém ainda tinha resistido a sua manha.

Caminhando sobre o gramado, Teddy subiu uma alameda sombreada, atravessou dois campos, e então, sem fôlego e ofegante, parou diante de uma casa de fazenda antiga. Ele passou levemente as mãos pelos cachos, deteve-se com um solavanco e, silenciosa e calmamente, abriu uma porta aferrolhada, entrando na longa cozinha de teto baixo.

A cena era muito agradável. Uma grande mesa quadrada coberta com uma toalha branca, em cujo centro repousava um grande vaso de rosas e madresilvas: pão caseiro e manteiga dourada, um prato de vidro com mel no favo, um prato de agrião fresco e um pão doce de groselha completavam o ambiente. Presidindo o serviço do chá estava uma mulher severa e de aparência ameaçadora, de sessenta anos ou mais. À sua frente estava sentado seu filho, o dono da fazenda, um homem de rosto pesado e aparência sonolenta. E, ao seu lado, de frente para a porta, estava sentada a mãe de Teddy.

Ela era uma jovem doce e de rosto gentil, com os mesmos olhos azuis profundos de seu filhinho. Não tinha nenhuma semelhança com a mulher mais velha e parecia, como de fato era, superior ao ambiente. Há dois anos, viera com o filho morar entre a família do marido e, embora a princípio sua sogra, a Sra. Platt, estivesse inclinada a considerá-la, com desprezo, uma criatura pobre, frágil e inútil, o tempo lhe provou que, no trabalho doméstico regular, ninguém poderia ofuscar a nora. A jovem Sra. John, como era chamada, era agora seu braço direito, e o trabalho leiteiro da fazenda fora entregue inteiramente a ela.

— Atrasado de novo, seu pirralho malandro!
— Foi a saudação severa de sua avó, quando Teddy apareceu em cena.

O menino olhou para ela piscando um olho, colocou a mãozinha na testa e fez uma saudação militar.

— Desculpe — foi tudo o que ele disse enquanto se sentava na cadeira que o esperava.

— O que você estava fazendo, filho? — Perguntou a jovem mãe, cujos olhos brilharam ao vê-lo.

— Contando a história do papai — respondeu Teddy com entusiasmo.

Uma sombra cobriu o rosto da mãe, seus lábios se curvaram angustiados, mas ela não disse nada, apenas ocupou-se em atender aos desejos do filho.

— Seu pai nunca se atrasava para as refeições — interrompeu a avó com aspereza.

— Nunca, vovó? Nem quando ele era menino? Serei sempre pontual quando for soldado.

— É melhor começar agora, então; maus hábitos, como ervas daninhas, crescem rapidamente!

Teddy não tinha resposta para isso; sua boca estava cheia de pão e manteiga, e ele não falou até o fim da refeição.



Depois, enquanto as mulheres retiravam o chá, voltou-se para o tio, que, tirando do bolso um cachimbo, sentou-se à porta aberta para fumar.

— Tio Jake!

Um resmungo foi a única resposta, mas foi suficiente. Os dois se entenderam perfeitamente e, um minuto depois, Teddy estava sentado em seus joelhos.

— Estou me perguntando se não consigo um inimigo! — O menino prosseguiu, cruzando os pequenos braços e olhando fixamente para o tio. — Todas as pessoas boas tinham inimigos na Bíblia, e eu não tenho nenhum; gostaria de ter um belo de um inimigo!

— Para lutar? — Perguntou seu tio.

— Para conviver, sabe? Ele armaria armadilhas para mim, e eu para ele, como Davi e Saul. Nós nos divertiríamos muito. E então, talvez, se ele fizesse algo terrivelmente errado, minha mãe me daria permissão para lutar com ele, pelo menos uma vez. O senhor não acha que seria legal?

— Lutar não é a única coisa grandiosa neste mundo; a paz é maior — foi a lenta resposta ao falatório.

— Isso é o que a mamãe diz. Ela me fez aprender esta manhã: “Bem-aventurados os pacificadores!”³

3 Mateus 5.9.

Mas uma pessoa deve ter um inimigo com quem fazer as pazes, e eu não tenho nenhum.

Houve silêncio. O tio deu uma puxada no cachimbo. Ele era um bom homem e tinha mais inteligência do que sua aparência demonstrava, mas os discursos de Teddy costumavam ser um enigma irritante para ele.

O menino continuou num tom lento e pensativo:

— Hoje vi alguém que sinto que pode ser um inimigo, mas é uma menina; homens não brigam com mulheres. Eu prefiro enfrentar um homem a uma mulher qualquer dia.

— Elas às vezes são um inimigo poderoso, rapaz! E o que essa mocinha fez para você?

— Ela disse — e os olhos de Teddy brilharam enquanto o sangue corria em seu rosto — ela disse que não acreditava em uma palavra da história do papai — nem uma palavra! E ela riu e foi embora.

— Isso foi cruel. E quem é ela para falar assim?

— Ela é uma estranha. Sam disse que ela veio morar com o velho Sol na estrada.

— Deve ser filha de Grace — disse a velha Sra. Platt, aproximando-se e juntando-se à conversa. — Ouvi dizer que ela viria passar o verão com o pai e estou feliz por

isso também — o velho está muito solitário. Suponho que seu marido esteja no mar novamente.

— Quem é o marido dela? — Perguntou a mãe de Teddy. Com o trabalho em mãos, ela saiu e sentou-se na varanda antiga.

— Um marinheiro. Grace sempre teve uma natureza itinerante. Ela nunca se estabeleceria e arranjaria um marido daqui. Era criada da esposa do nosso magistrado e foi com ela para o estrangeiro; mas as pessoas dizem que ela se estabeleceu agora e está ótima. Elas estão morando em Portsmouth, ela e a filhinha.